

PRÁTICAS E MODELOS PEDAGÓGICOS DO ENSINO A DISTÂNCIA NO BRASIL E SUAS RELAÇÕES COM AS TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DE APRENDIZAGEM

Curitiba – Paraná – abril 2012

Karin Sell Schneider Lima – Centro Universitário Internacional – UNINTER
karin.l@grupouninter.com.br

Edelclayton Ribeiro – Centro Universitário Internacional – UNINTER
edelclayton.r@grupouninter.com.br

Nelson Pereira Castanheira - Centro Universitário Internacional – UNINTER
nelson.c@grupouninter.com.br

Regiane Bergamo - Centro Universitário Internacional – UNINTER
regiane.b@grupouninter.com.br

Conteúdos e Habilidades

Teorias e Modelos

Relatório de Pesquisa

Investigação Científica

RESUMO

Conceber a educação como um processo contínuo e mutável é premissa em qualquer setor da Educação, principalmente na Educação a Distância. Em meio a tantas inovações tecnológicas e do fenômeno das redes sociais, as pessoas mudaram substancialmente seu modo de se relacionar, trabalhar e, também, de aprender. Através de uma breve releitura das teorias da aprendizagem mais conhecidas e do estudo de Anderson e Dron (apud Mattar, 2012) sobre as três gerações da pedagogia da EaD, buscou-se analisar as práticas atuais em algumas IES de EaD no Brasil e sua relação com essas teorias, em especial com a argumentação da teoria conectivista, proposta por Siemens (2004). A análise possibilitou a percepção de uma grande diferença de evolução tecnológica e social nos modelos pedagógicos utilizados, em especial, na modalidade EaD.

Palavras-chave: *conectivismo; novas teorias de aprendizagem; práticas pedagógicas; tecnologia; ensino superior EaD.*

1 EDUCAÇÃO a DISTÂNCIA (EaD): BREVE CENÁRIO

A educação permeia todos os aspectos da vida humana: seu trabalho, vida social e família, ou seja, para saber, fazer e ser, o ser humano mistura a educação com a vida. Segundo Brandão ^[1] (2007), esse processo não acontece de forma única e estática, mas em um processo natural, por várias mãos, em uma sociedade pedagógica.

A EaD encontra-se totalmente nesse cenário, promovendo a educação através de um olhar que mescla informação e comunicação como práticas essenciais e cotidianas (CARVALHO ^[2], 2010).

É comum ouvirmos que a EaD é uma nova modalidade de ensino, adotada recentemente no Brasil. Isso é um enorme engano.

Alguns autores consideram as cartas de Platão e as Epístolas de São Paulo exemplos iniciais e isolados de exercícios de educação a distância. Outros defendem que o ensino a distância tornou-se possível apenas com a invenção da imprensa, no século XV (MAIA e MATTAR ^[3], 2007, p. 21).

Formatado: Sobrescrito

Formatado: Sobrescrito

2 TEORIAS CONTEMPORÂNEAS DE APRENDIZAGEM

De acordo com Pimenta e Anastasiou ^[4] (2005), a educação, como um processo de humanização, possibilita aos homens que se insiram em uma sociedade historicamente construída e em constante desenvolvimento. Sociedade esta que, no processo evolutivo, demonstra problemas graves envolvendo, desigualdade econômica, social e cultural, além de sofrer profundamente com uma crise de valores e finalidades. À educação cabe a colaboração com o desenvolvimento da reflexão, do conhecimento, das habilidades e das atitudes em prol da melhoria e desenvolvimento.

Em meio ao universo de conhecimento apresentado ao aprendiz contemporâneo, o aprender torna-se fluido, tornando a educação menos lecionadora e mais mobilizadora. Esse é o desafio: corresponder à quantidade e à acessibilidade das informações e dar sentido a elas (ROEGIERS ^[5], 2004).

O conhecer não é um ato isolado, envolve intercomunicação e intersubjetividade, mediadas pelos objetos a serem conhecidos, colocando a

educação como um processo dialógico (FREIRE ^[6], 1987; MORIN ^[7], 2005). Essa dialogia se faz presente na prática profissional e é transferida aos programas curriculares. Ainda segundo Freire ^[6] (1987), essa experiência de vida dos aprendizes deve se tornar fonte de temas significativos tornando aqueles protagonistas ativos do processo do conhecimento.

A EaD possibilita ao aprendiz um papel mais ativo nesse processo, porém sob o risco de um certo grau de independência no mesmo. A partir daqui, revisaram-se algumas teorias de aprendizagem que podem indicar os melhores caminhos para garantir o protagonismo ativo do educando e, ao mesmo tempo, integrá-lo com outros atores, sejam eles humanos ou tecnológicos. Também se tomou como base o estudo de Anderson e Dron (apud MATTAR ^[8], 2012), em que são concebidas as principais teorias da aprendizagem em três gerações de pedagogia da EaD: Behaviorismo-Cognitivismo, Construtivismo e Conectivismo.

3 CONSTRUTIVISMO E NEOCONSTRUTIVISMO E A MEDIAÇÃO NO MODELO DE VYGOTSKY

Conforme Becker ^[9] (1994, p. 87),

Entendemos que construtivismo na Educação poderá ser a forma teórica ampla que reúne as várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendências que têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima (ideologia) em continuar essa forma particular de transmissão que é a Escola, que consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade – a próxima e, aos poucos, as distantes.

Enquanto outras teorias se preocupam pouco com “como” os fatores externos impactam a aprendizagem e desenvolvimento do sujeito, o construtivismo coloca a interação com o meio como pilar central. O desenvolvimento cognitivo se dá na medida em que acontece o equilíbrio entre a assimilação (integração de estímulos novos aos esquemas já existentes) e a acomodação (consolidação de novos esquemas) (ROEGIERS ^[5], 2004).

Nessa concepção, ensinar torna-se selecionar objetos de aprendizagem e colocá-los à disposição dos alunos em ambientes

determinados em função de seu grau de desenvolvimento. Para Piaget ^[10] (1976), o objetivo primal do ensino é permitir a construção de conhecimentos precisos e organizados em redes.

A EaD e as tecnologias que envolvem seu processo de ensino e aprendizagem, permitem os processos de aquisição, assimilação e acomodação destacados pela teoria construtivista e, sobretudo, pela teoria neoconstrutivista, que supera o reducionismo individualista do modelo essencial, propondo um conceito de “conflito sociocognitivo” como base para o desenvolvimento da aprendizagem (ROEGIERS ^[5], 2004, p. 27).

Essa concepção prevê que apenas o conflito interno não é suficiente para a aprendizagem, pois esta é social. A teoria do conflito sociocognitivo baseia-se na ideia de que efeito estruturador do conflito amplia-se com a associação de um conflito social, ou seja, esquemas cognitivos diferentes postos à prova e que conduzem a melhorias no processo de acomodação. Ver a figura 1.

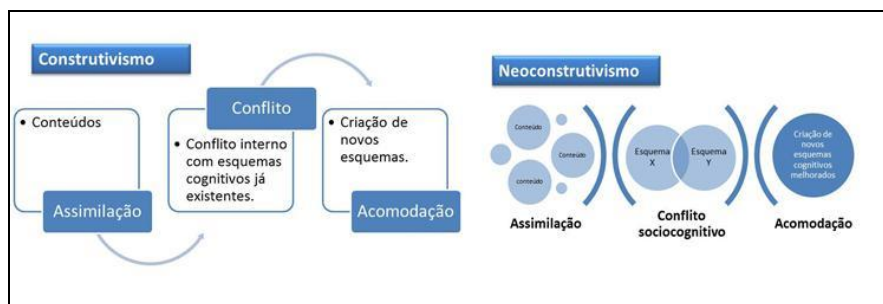


Figura 1. Diferença entre Construtivismo e Neoconstrutivismo

Fonte: Adaptado de ROEGIERS ^[5] (2004, p. 27).

As práticas pedagógicas disponíveis e compartilhadas atualmente podem promover a interação social entre os aprendizes e seus pares através de fóruns mediados, *chats on-line*, jogos educacionais, tutoria via redes sociais, entre outras práticas.

Cubero e Luque ^[11] (2004), afirmam que esse conceito tangencia-se com a concepção mediática de Vygotsky, em que um relacionamento semiótico do pensamento, aprendizado e desenvolvimento dialogam entre si. Segundo a proposta, existe um papel fundamental da intervenção para iniciar um processo de aprendizagem em que o aluno não pode fazê-lo sozinho.

Vygotsky diferencia bem o ensino (intervenção e estímulo) da aprendizagem, que deve levar a interiorização promovendo “comportamentos mentais”. Ideia essa, retomada por Gal’perin, que caracterizou a aprendizagem por quatro parâmetros diferentes (ROEGIERS ^[5], 2004). Ver a figura 2.

No final da década de 70, os estudos construtivistas evoluem para uma abordagem cognitivista unindo várias áreas de estudo como filosofia, linguística, IA, neurociências e psicologia cognitiva.

Parâmetros da Aprendizagem de Gal’perin

Natureza do Comportamento	Integralidade do Comportamento	Generalização do Comportamento	Grau de domínio do comportamento
<ul style="list-style-type: none"> • Para desenvolver comportamentos mentais adequados, passa-se pelo: • Comportamento Material (manipulação) • Comportamento verbal (expressão e representação) 	<ul style="list-style-type: none"> • Em sua forma integral o comportamento possui três características: • orientação, • realização • controle; 	<ul style="list-style-type: none"> • Todo comportamento mental aprendido tem sua aplicabilidade migratória de elementos específicos para geral. 	<ul style="list-style-type: none"> • De mais lento, hesitante e consciente a cada vez mais rápido, seguro e automático.

Figura 2. Parâmetros da Aprendizagem de Gal’perin

Fonte: Adaptado de ROEGIERS ^[5] (2004, p. 29).

De acordo com Roegiers ^[5] (2004, p. 29), é possível distinguir entre “conhecimentos declarativos” (relativos aos fatos, fenômenos, suas relações, leis, teorias, etc.) e “conhecimentos procedurais” (relativos ao conjunto de regras que permitem a solução de um problema), ligados diretamente à aplicação prática, ao fazer. Recomenda-se o acréscimo de saberes condicionais ou estratégicos os quais possibilitariam o “quando” mobilizar conhecimentos “declarativos” ou “procedurais” para resolver determinado problema.

4 CONECTIVISMO: TEORIA OU TENDÊNCIA?

Delors ^[12] (2001), no relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, fala que a educação apresenta desafios contraditórios, um dilema entre rigor e relevância que se divide entre apresentar um vasto estoque de conhecimentos e práticas,

disponibilizado pelo avanço tecnológico, e, ao mesmo tempo, encontrar objetivos comuns, referências, figuradas por mapas e bússolas, evitando que as pessoas se percam em um mar de informações desconexas.

O conectivismo, uma nova teoria, ainda questionada como tal, concebe a aprendizagem no cenário tecnológico contemporâneo analisando a necessidade de relevância no processo de aprendizagem e de sua relação com as conexões entre humanos e outros meios informacionais. Segundo Siemens ^[13] (2004), “a tecnologia reorganizou o modo como vivemos, como nos comunicamos e como aprendemos”, além disso, as redes sociais, comunidades de prática e os ambientes profissionais têm peso fundamental no processo de aprendizagem, em especial, na aprendizagem adulta.

Os docentes devem aprender e renovar o construtivismo associando-o ao conectivismo, querendo aqui se dizer com isso que não é com a leitura de Piaget e de Vygotsky que se atualizarão. Os meios digitais estão além de suas teorias desatualizadas e descontextualizadas. Essa teoria foi proposta por George Siemens no artigo *Connectivism: a learning theory for the digital age* (2004). O conectivismo supera as limitações ou insuficiências do behaviorismo, do pragmatismo e cognitivismo, teorias essas muito aceitas, porém superadas pelas razões acima apontadas.

No conectivismo, a aprendizagem se dá em rede social, seja virtual, seja presencial, como nas comunidades de prática. O conhecimento não é algo que seria transmitido pelos docentes e que os alunos deveriam se apropriar. O conhecimento se encontra e se constrói numa rede de conexões e a aprendizagem é a capacidade de construir conhecimento nas conexões:

A aprendizagem informal é um aspecto significativo de nossa experiência de aprendizagem. A educação formal não cobre a maioria de nossa aprendizagem. A aprendizagem agora ocorre em uma variedade de formas - através de comunidades de prática, redes pessoais e através da conclusão de tarefas relacionadas ao trabalho. (SIEMENS ^[13], 2004).

O aprendiz deste século vem explorando novas competências e habilidades, estimuladas pela facilidade e meios de interação, conseqüentemente, seu processo de aprendizagem ganha mais complexidade, dinâmica e continuidade. Surgem novas necessidades como, já apontadas

neste artigo, de “mapas e bússolas”, orientações e caminhos necessários à “seleção” de conhecimentos relevantes.

Para Downes (apud MOTA ^[14], 2009), o aspecto mais importante da aprendizagem são as redes, frutos de conexões entre pessoas, comunidades e conteúdos. Ainda para o autor, redes eficientes devem ser descentralizadas, capilarizadas, dinâmicas, fluidas e inclusivas. Em suma, como se observa na figura 3, o conectivismo parte das demandas de um cenário contemporâneo, que envolve tecnologia, integração social virtual, conhecimento aberto e dinâmico na mudança e atualização de conceitos.



Figura 3. Princípios do Conectivismo

Fonte: adaptado de SIEMENS ^[13] (2004, p. 6)

5 AS PRÁTICAS TUTORIAIS ATUAIS NAS INSTITUIÇÕES DE EaD BRASILEIRAS

Estariam as práticas pedagógicas atendendo as demandas do processo de aprendizagem? Como as teorias aqui relatadas embasam os modelos utilizados nas instituições brasileiras? Através de uma pesquisa feita em seis IES no Brasil, investigaram-se as práticas e os modelos utilizados, incluindo-se as características dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), material didático, práticas tutoriais, avaliação e outros diferenciais que impactam diretamente na aprendizagem. Utilizando a proposta elaborada por Mattar ^[8] (2012), adaptada de Anderson e Don (2011), apontamos na tabela 1 as relações das três gerações de pedagogia da EaD e suas relações com as práticas tutoriais mais utilizadas no Brasil.

Behaviorismo - Cognitivismo	Construtivismo e Neoconstrutivismo	Conectivismo	Práticas Pedagógicas Relacionadas
Objetivos de Aprendizagem	Interação/Construções	Redes	A experiência com as Redes Sociais, colaborativas e Comunidades de Prática, ainda é insipiente, a troca dentre alunos acontece nos fóruns, onde, em algumas IES, a mediação acontece de forma ineficiente. Os alunos acabam buscando grupos alternativos e independentes para a troca de conhecimento, porém, pela falta de estímulo, esse grupo representa uma pequena porcentagem de alunado.
Tutor/Designer Instrucional	Professor (guia)	Aluno-professor (colaboração)	
Treinamento	Educação	Redes	O material didático utilizado contempla: livros dialógicos impressos, apostilas impressas e digitais, livros digitais, animações virtuais. Percebe-se que o fenômeno de "apostilamento" ainda é um fato na EaD, poucas IES investem na publicação de livros em conceito dialógico e que posteriormente adaptariam-se facilmente a mecanismos de leitura digitais. As animações, web aulas, flip-books, hiper-books, também constituem um repositório interessante para conteúdos escritos de forma dialógica e também interativa, porém pouco utilizados.
Pré-Web	Web 1.0	Web 2.0	Os ambientes virtuais têm melhorado, porém ainda repetem salas presenciais, alguns com mais dispositivos e com mais agilidade, outros com menos, porém ambos contempla: áreas para material didático, espaço para interação e atividades. A EaD brasileira está fazendo o mesmo ensalamento da modalidade presencial, que não permite nem estimula a exploração de novos conceitos e caminhos.
Um para um & Um para muitos	Muitos para muitos	Redes	As IES utilizam transmissão via satélite, aulas gravadas via mídias magnéticas ou <i>on line</i> . Percebe-se que ainda reina o conceito semi-presencial, copiando o conceito de sala e turma da modalidade presencial. O conceito de interação e de conexões em rede ainda está fundamentado em encontros presenciais. As IES utilizam chat, fóruns e algumas das redes sociais, muito mais para sanar dúvidas de conteúdo quanto para promover discussões que permitam o diálogo e a construção de novas conexões sobre o tema proposto.
Ensino	Aprendizagem	Conhecimento	Apesar da imposição da necessidade do autoestudo e da disciplina, as práticas atuais restringem a exploração dos conhecimentos, ao contrário, constroem ambientes fechados, protegem as aulas, as avaliações são elaboradas com base em conteúdos essenciais e fechados, em nenhuma IES verifica-se um modelo que avalie a participação em redes ou a colaboração genuína (não somente participação compulsória) nos ambientes de interação.

Tabela 1. Análise das Práticas Pedagógicas utilizadas no Brasil com base nas três gerações de pedagogia da EaD

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a ideia até a sua escrita, esse estudo não pretendeu levantar respostas, mas inquietações óbvias que nos levam a pensar seriamente nos modelos pedagógicos atuais e na sua relação com as mudanças sociais e tecnológicas.

A tecnologia evolui instantaneamente, porém a sociedade ainda tem muitas dificuldades em acompanhar esse ritmo, seja no entretenimento, seja no trabalho, mas em especial na educação, onde as concepções e modelos pedagógicos vagam entre o clássico-tradicional e o novo, inusitado e contemporâneo.

Entre as inquietações, repousa o fato de ainda se conceber a aprendizagem como possível e eficiente em ambientes controlados e não em uma concepção que necessita de conexões diversas, ritmos próprios. Ao invés de “mapas e bússolas”, entregam-se “roteiros e pacotes de viagem”. Será que as IES de EaD estão permitindo o “adquirir” mais e mais conhecimentos e privando seus estudantes do pensar e refletir? (CHAUÍ ^[15], 2001). Certamente, essa evolução envolve um aprender coletivo, em que docentes e discentes não ignoram os ganhos das formas de aprender antigas, mas aprendem uma nova cultura.

Não se pode construir um segundo andar sem antes construir o primeiro, nenhum construtor sobreviveria à tamanha cegueira, ora assim é que funciona a escola: cada um faz o que tem que fazer, ciente de que, frequentemente, está construindo, se não sobre a areia, ao menos sobre bases frágeis (PERRENOUD ^[16], 1999, p. 79).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, ~~1984~~2007.

Formatado: Sobrescrito

[2] CARVALHO, Fabio Camara Araujo de. **Tecnologias que educam: ensinar e aprender com as TIC's**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

Formatado: Sobrescrito

[3] MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

[4] PIMENTA, Selma; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

[5] ROEGIERS, Xavier. **Uma pedagogia da integração**: competências e aquisições no ensino. Porto Alegre: Artmed, 2004.

[6] FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

[7] MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

[8] MATTAR, João. **Tutoria e interação em educação a distância**. São Paulo: Cengage learning, 2012.

Formatado: Sobrescrito

Formatado: Sobrescrito

[9] BECKER, Fernando. **Série Ideias**, n. 20. São Paulo: FDE, 1994.

[10] PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas - problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

[11] CUBERO, Rosário; LUQUE, Alfonso. **Desenvolvimento psicológico da educação escolar**. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. & colaboradores. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 2 v.

[12] DELORS, Jacques (org.) **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez; DF: MEC: UNESCO, 2001.

[13] SIEMENS, George. **Connectivism**: a learning theory for the digital age, 2004. Disponível em: <<http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

[14] MOTA, José Carlos. **Da Web 2.0 ao e-learning 2.0**: aprender na rede. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Universidade Aberta de Portugal, 2009. Disponível em: <<http://orfeu.org/weblearning20/>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

[15] CHAUI, M. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

[16] PERRENOUD, Ph. **Pedagogia diferenciada**: das intenções à ação. Porto Alegre: Artmed, 1999.